

Francisco Martins, *Donas Boto – Português, Poeta, Primeiro Ideólogo Moderno da União Europeia*, Chaves, Tartaruga, 2008, 225 pp.

>>

Jorge Bastos da Silva

No ano que agora finda, veio a lume um livro assinado por Francisco Martins que recupera do esquecimento um utopista português do século XIX. Chama-se o livro *Donas Boto – Português, Poeta, Primeiro Ideólogo Moderno da União Europeia*.

É muito bem-vinda a obra. Não sendo este Luís Maria de Carvalho Saavedra Donas Boto (1810-1890), talvez, um intelectual de primeira apanha, nem obviamente um poeta de grandes méritos estético-formais, ainda assim é indispensável que sobre autores como ele se vá procedendo ao exercício do resgate, para que se tornem (de novo) conhecidas certas facetas do património cultural condenadas pelo descaso de gerações – e da academia. Este é, aliás, um dos propósitos que norteiam o projecto de investigação *Utopias Literárias e Pensamento Utópico: A Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente*, sediado no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, que averba já a publicação de diversos volumes com análogo cariz.

Quem é, pois, este Donas Boto e que títulos tem sobre a notoriedade? Foi indivíduo ligado à educação e autor de vários livros, alguns volumosos, de poesia e intervenção ensaística, nos quais mescla – coisa curiosa – a devoção cristã com simpatias socialistas pela condição dos explorados. E foi dos poucos entre nós, no seu século, a propor a ideia de uma confederação das nações da Europa, embora decerto não o primeiro, ao contrário do que anuncia na capa a antologia agora editada (basta lem-

brar o *Projecto de Guerra contra as Guerras ou de Paz Permanente* publicado por José Máximo Pinto da Fonseca Rangel, em Coimbra, em 1821).

A este respeito, encontra-se na p. 164 da antologia organizada por Francisco Martins uma citação representativa do pensamento de Donas Boto: "Mas qual seria o melhor modo de evitar para o futuro a barbaridade, o materialismo, e a impiedade do direito publico europeu [...]? Eu creio que não haveria senão um meio razoavel e possivel para evitar esses inconvenientes tão escandalosos; que era uma liga europêa: tal seria, no meu entender, a utopia mais nobre, mais generosa e mais brilhante a que ella [i.e., a Europa] poderia aspirar no estado actual da sua civilização [...]. Esta federação da Europa inteira deveria ser promovida pela associação previa de todos os sabios, e de todos os povos da Europa, e requerida pelos governos mais illustrados como os de França e de Inglaterra, discutindo-se e assentando-se as suas leis fundamentais n'um congresso geral". (Sobre a ideia da federação europeia, destaquem-se ainda os elementos inclusos a pp. 46-52, 173-182 e 194-195; sobre outras utopias, ver pp. 217-219.)

A parte a defesa deste programa político europeísta, Donas Boto praticou poesia de denúncia moral e social — em registo sentimental as mais das vezes, como quando lamenta a condição do trabalhador ou da viúva desamparada; em registo satírico, por exemplo na exposição dos casquilhos; e em registo de escândalo, na acusação lançada aos abastados que permanecem insensíveis às injustiças que perpetraram. Nesta perspectiva, avulta no conjunto da sua obra um longo *Poema Socialista*, de 1852, pela particularidade de ser espaço para as mais efusivas expressões de piedade religiosa, mau grado dizer-se socialista, e para os mais fortes enlevos patrióticos, a despeito do europeísmo — e, na verdade, do eurocentrismo — do autor.

Da extensa, multimoda e algo desordenada produção de Donas Boto fica pois a dever-se a Francisco Martins uma oportuna antologia, que abre com uma extensa introdução onde o crítico alinha úteis e numerosos dados — alguns deles novos — relativos à obra e ao contexto desse autor que qualifica de "visionário". Francisco Martins aponta os caminhos da vida de Donas Boto, incluindo as suas viagens e formação (em Lovaina e Coimbra), a atenção que prestou aos factos políticos e aos debates ideológicos da época, e o seu papel ao serviço da causa da instrução primária no País. Quanto à obra, é assinalado estar-se perante uma escrita comprometida, cujas traves-mestras se identificam com a apolo-gia da liberdade, da reforma social e da paz internacional, condição para que a Europa cumpra no mundo a sua alta missão civilizadora, no entender de Donas Boto. A leitura crítica da obra do escritor alto-duriense termina com um apontamento sobre aqueles que com ele se cruzaram,

nomeadamente Camilo, que por ele nutriria amizade, e Eça de Queirós, que, sustenta Francisco Martins, nele se baseou para criar a figura do poeta ultra-romântico Tomás de Alencar n' *Os Maias* (cf. pp. 70-73).

A secção antológica do volume encontra-se organizada em três partes. A primeira é constituída por uma selecção de excertos da obra poética de Donas Boto, dispostos por ordem cronológica e extraídos maioritariamente de *Poema Socialista*. Francisco Martins declara ter-se guiado "[...] pelo critério da qualidade (mas onde a sua medida absoluta?) e o da novidade dos pontos de vista (técnico ou cultural) na expressão dos temas [...]" (p. 79, em itálico no original). O antologizador apresenta os textos com pontuação e grafia actualizadas (a primeira citação que acima fizemos é uma excepção, pois trata-se de uma página reproduzida em *fac-simile*) e com títulos que são, na maior parte dos casos, da sua própria responsabilidade, destinando-se a orientar o leitor pela variedade de temas que a poesia rapsódica de Donas Boto acolhe.

O mesmo critério de actualização e indicação temática se aplica aos textos em prosa que compõem as partes seguintes da antologia. É incluído aí, primeiro, um conjunto de apontamentos ensaísticos sobre a própria poesia, a crise política e social de uma Europa marcada por guerras e sublevações, a prevenção da sua decadência e a criação de uma federação europeia. Finalmente, Francisco Martins oferece ao leitor um "Glossário de Donas Boto" em que organiza testemunhos do autor acerca de matérias diversas, de "África" e da "Aristocracia nova" à "Utopia (social) e Cristianismo" e a "Voltaire". O método é algo inusitado, mas compreende-se a opção, dada a massa de texto que nos legou o autor e o relativo inacabamento, sob certos aspectos, da sua produção. Contudo, fica por explicar a disparidade de critérios organizativos entre a segunda e a terceira partes da antologia, uma vez que em ambas se encontram textos reproduzidos sob a forma de excertos e em ambas se verifica grande variação na extensão dos textos.

Não fará sentido contestar o arranjo dos poemas escolhidos nem o critério de selecção dos textos (tarefa especialmente árdua neste caso), cuja representatividade não suscita reservas. Talvez a poesia descritiva pudesse estar mais generosamente representada, já que parece tratar-se da mais interessante, dentro de uma obra que tem qualidades formais pouco distintas, mas as limitações editoriais naturalmente impostas a trabalhos deste tipo poderão explicá-lo. Pena é que a edição padeça de uma revisão tipográfica pouco cuidada. De qualquer maneira, vale a intenção – conseguida – de trazer ao (re)conhecimento coetâneo um autor que o tempo fez esquecer e que justifica um pequeno capítulo numa história das ideias do Portugal do século XIX.